

Proibição de celular na escola é vista com bons olhos após 1 ano

Docentes apontaram maior resistência dos alunos no início de 2025

/ EDUCAÇÃO

Cássio Fonseca
cassiof@jcrs.com.br

Um ano após a proibição do uso de celular nas escolas e na largada de mais um ano letivo, o impacto da lei sancionada em 13 de janeiro de 2025 é visto como positivo pelos gestores, que observam um aumento na interação entre as crianças e os adolescentes, inclusive durante os períodos livres. Entre municipais e estaduais, diretores e professores veem um avanço significativo na aprendizagem e relatam uma resistência abaixo do esperado.

Dados preliminares de uma pesquisa da Secretaria Estadual de Educação (Seduc-RS) apontam que 79% dos docentes encaram com bons olhos o impacto da mudança. Desse total, 46% destacaram a melhora na concentração e 33% a maior participação dos alunos. E dos alunos que responderam ao questionário, 48% reconhecem os aspectos positivos da restrição na própria aprendizagem, destacando maior concentração (29%) e participação (19%). Conforme a Seduc, 2.580 alunos e 1.767 docentes participaram do levantamento.

A secretária de Educação do Estado, Raquel Teixeira, entende que há uma divergência entre a percepção do aluno e a percepção do professor, algo que é preciso entender melhor. “Há uma indefinição ainda sobre o que é o uso pedagógico do celular, que depende até da formação que a gente vai fazer com os professores neste ano. Mas, de um modo geral, foi uma pesquisa que mostrou o acerto da medida e que mostra os caminhos possíveis para o aprimoramento”, explica.

Para a diretora da Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Kennedy, de Cachoeirinha, Marta Veiga, não houve grandes mudanças em 2025, já que o processo foi adotado há cerca de 10 anos pela instituição. Com os alunos já adaptados – celular era utilizado apenas para fins pedagógicos anteriormente –, quem costuma apresentar alguma resistência são aqueles que estão chegando. A escola oferta apenas o Ensino Médio e os que chegam para o 1º ano costumam levar o aparelho escondido.



Prática de atividades sem uso da tecnologia cresceu consideravelmente

No entanto, essa é uma questão de adaptação. “Fazemos um trabalho muito intenso por três ou quatro meses, mas os que já estão acostumados com a escola chegam, colocam na caixinha e vão para os seus lugares”, completa Marta. A expectativa, agora, é que o processo fique ainda mais automático, já que ingressantes do Ensino Fundamental já estão acostumados.

Quem também enfrentou em anos anteriores o uso desregulado dos celulares foi a Escola Estadual de Ensino Médio Vale Verde, de Alvorada. A diretora Rea Silva explica que 2022 foi complicado com fotos e vídeos indevidos de alunos e professores publicados nas redes sociais, o que gerava conflitos. No ano seguinte, houve um processo de conscientização e em 2024 se instaurou a proibição em ambiente escolar. Agora, passados os conflitos e a resistência, há otimismo. Os celulares ficam guardados em uma caixa e, a partir deste ano, também não estarão acessíveis no intervalo, conforme adianta a diretora.

Na rede municipal de Porto Alegre, o secretário de Educação, Leonardo Pascoal, também vê a mudança como positiva e diz que embora a cidade dispusesse de uma lei que proíbe a utilização dos aparelhos há mais tempo, ela não era seguida à risca. “Mas tão logo houve a publicação da lei federal proibindo no território nacional e nós tratamos de regulamentar para Porto Alegre e orientar as escolas, inclusive, quanto aos procedimentos a serem adotados, tanto para o respeito à lei, quanto para eventuais descumprimentos”, acrescenta Pascoal.

Todos salientam que jogos de carta e tabuleiro, e a prática de esportes ao ar livre tomaram o horário do recreio e aumentaram a relação interpessoal. A vice-diretora da Escola de Ensino Fundamental Lauro Rodrigues, Francine Schefler, destaca a diminuição da violência. “Quando havia marcação de briga, isso era muito estimulado pela questão do filmar o ato violento e divulgar nas redes. Quando não tem o celular, isso diminui”.

Na Lauro Rodrigues, a adesão foi melhor que o esperado e as poucas resistências ocorreram majoritariamente pelos alunos mais velhos, do 8º e do 9º ano. Por outro lado, também há conscientização. Um caso curioso foi de um adolescente do 9º ano que optou por entregar seu aparelho diariamente para Francine por ser “viciado”. Ele garante que se estiver com o celular por perto, irá usá-lo, e por isso prefere pegá-lo apenas na hora de ir embora.

E para os pequenos, a tendência realmente é de um processo mais tranquilo. A diretora da Escola Municipal Leopolda Barnewitz, Carolina Derós, detalha que atendem do 1º ao 5º ano e que a colaboração das famílias foi fundamental nessa adaptação. “Conseguimos desde o princípio frear que os alunos trouxessem os celulares escondidos, como eu sei que aconteceu em outras escolas. E as duas únicas crianças que traziam o celular era porque precisavam, na hora de ir embora, conversar com a família”, afirma. Carolina completa que “a gente consegue perceber bem essa coisa da criança poder voltar a ser criança, no sentido de brincar mais próximo dos outros e socializar”.

IBGE faz apelo para que população responda pesquisa sobre enchente

/ PESQUISA

Marco Charão
marcoc@jcrs.com.br

Desde o fim das cheias que assolaram o Rio Grande do Sul em 2024, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) lançou a Pesquisa Especial sobre as Enchentes de 2024 no RS (PEERS). Em fevereiro, o levantamento entrou em fase final de coleta. Até o próximo dia 27, moradores de cidades com baixo índice de resposta serão contatados por agentes por telefone.

Logo após a tragédia, o IBGE montou um grupo de trabalho para retratar o que estava acontecendo nos municípios. Após estudos, a melhor maneira de atingir o público-alvo afetado foi através de ligações por telefone. Porém, pela onda de golpes em chamadas, isso vem sendo um entrave para avançar na reta final da coleta de dados.

A partir dos números cadastrados no Censo do IBGE de 2022, foram captados 133 municípios afetados, com cerca de 30 mil domicílios selecionados. As coletas foram iniciadas em setembro de 2025. O prazo para acabar era dezembro, porém, foi estendido até o final de fevereiro deste ano.

De acordo com o IBGE, o número telefônico que está fazendo essas coletas é o (21) 2142-0123. Juliana Paiva, coordenadora do PEERS, diz que pelo DDD ser do Rio de Janeiro, muitas pessoas não atendem. Entretanto, ela garante que ao atender, o agente se identifica, sendo possível confirmar a identidade do funcionário através do número 0800 721 8181 ou pelo e-mail peers@ibge.gov.br.

Neste momento, estão recebendo as ligações os moradores dos municípios de Alpestre, Bom Princípio, Fontoura Xavier, Ibiaçá, Lajeado do Bugre, Nova Alvorada, Novo Tiradentes, Pinhal, Roca Sales, São Domingos do Sul, São José das Missões, São José do Herval, Triunfo e Vicente Dutra.

Dentre os questionários feitos, os temas abordados envolvem o impacto das enchentes nos domicílios, entornos do bairro e ruas próximas, transporte público e como a vida dos residentes foi impactada. Outras informações como o perfil da população, avaliação da qualidade de vida hoje, acesso a serviços de saúde e internet também são coletados.

A divulgação dos primeiros resultados, em caráter experimental, está prevista para o primeiro semestre de 2026.



Pesquisadores estão ouvindo pessoas afetadas pelas cheias de 2024

Final de semana será de tempo instável no Rio Grande do Sul

/ CLIMA

A passagem de uma frente fria pelo oceano ainda mantém o tempo instável com chuva entre momentos de melhoria em boa parte do Rio Grande do Sul. Quanto mais próximo da manhã desta quinta-feira, maior a chance de chuva visto que ao longo do dia a instabilidade avança para Santa Catarina. Isoladamente ainda há condições de temporais. Na Campanha e na Região Sul, ainda não se descarta

chuva, mas a chance é menor.

No sábado, o sol aparece entre nuvens em todas as regiões do Estado, com temperaturas da tarde se aproximando da casa dos 30°C em muitas cidades. Ao longo do dia, há condições para chuva passageira entre o Norte e a Serra gaúcha. No domingo, a tendência é de manutenção da instabilidade, repetindo o sábado, no entanto, apresentando temperaturas mais amenas em comparação com as anteriores.